



# Projecto de valorização e divulgação do povoado fortificado de Cossourado (Paredes de Coura)<sup>1</sup>

**Maria De Fátima Matos Da Silva**

*Docente da Universidade Portucalense Infante D. Henrique; Área de Arqueologia do Instituto de Património da U.P.I.D.H.; Responsável pelo Gabinete de Arqueologia e Património da Câmara Municipal de Paredes de Coura. Bolseira de Doutoramento do Programa PRAXIS XXI.*

**Carlos Alberto Machado Gouveia Da Silva**

*Professor Investigador do Gabinete de Arqueologia e Património da Câmara Municipal de Paredes de Coura.*

---

<sup>1</sup> Artículo cedido por los autores al Portal Iberoamericano de Gestión Cultural para su publicación en el *Boletín GC: Gestión Cultural N° 9: Turismo Arqueológico*, octubre de 2004. ISSN: 1697-073X.

## RESUMO

Neste trabalho apresenta-se, sumariamente, os resultados obtidos através do *Projecto de Musealização e Divulgação do Povoado Fortificado de Cossourado* que, durante os anos de 1997 e 1998, beneficiou uma estação arqueológica de importância relevante no contexto da "Cultura Castreja" do Alto Minho.

Com esta iniciativa, realizou-se uma vasta série de acções, nomeadamente: conservação e restauro das estruturas de habitação, serviços e defesa; reconstituição de uma unidade doméstica (uma estrutura de habitação e outra de actividades artesanais); beneficiação dos caminhos de acesso; sinalização e legendagem interna e externa; restauro dos materiais provenientes da escavação arqueológica; elaboração de material de divulgação.

Procurou-se, desta forma, converter a estação arqueológica num pólo de dinamização pedagógica, turística e cultural, integrando-a de forma sustentada no meio em que se enquadra.

### 1. Localização e acessibilidades

O povoado fortificado de Cossourado situa-se no lugar do Forte da Cidade, freguesia de Cossourado, concelho de Paredes de Coura e distrito de Viana do Castelo.

A sua localização é a seguinte:

Coordenadas Planimétricas: GAUSS: X = 158.185; Y = 549.700.

Altitude: 375,71 metros (v.g. Forte da Cidade).

Está cartografado no Mapa dos Serviços Cartográficos do Exército, na escala 1/25.000, folha nº 15 (Paredes de Coura), de 1996, e folha nº 7 (S. Pedro da Torre, Valença), de 1997, e na Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50.000, folha 1-C (Caminha), de 1962.

Dista 10 quilómetros da sede do concelho, 52 de Viana do Castelo, 55 de Braga, e 14 da fronteira internacional de Valença.

Apesar de o povoado estar implantado no topo de um monte, o acesso não oferece dificuldade. A ligação automóvel pode ser feita pela auto-estrada A3, com saída para Paredes de Coura devidamente sinalizada, e/ou pela estrada nacional 303, virando-se, ao quilómetro seis, em direcção à igreja paroquial de Cossourado. Daqui sobe-se por estradão

empedrado até meio do monte e, a partir deste ponto, por caminho de terra batida. Todo o percurso, desde a Estrada Nacional até ao povoado, está sinalizado.

## 2. Enquadramento bibliográfico

Não obstante nunca ter sido objecto de estudos aprofundados até 1993, o povoado fortificado de Cossourado mereceu, ao longo dos anos, a atenção de diversos autores e curiosos que lhe dedicaram alguns, ainda que breves, apontamentos. Eivados, em grande parte dos casos, de contornos lendários, alguns dos quais hoje em dia apenas enquadráveis no domínio da tradição, comprovam, no entanto, a noção que as populações tinham da existência, naquele monte, de algo bastante antigo e, por isso mesmo, de considerável valor patrimonial. No século passado, essa consciência era já uma realidade.

José Avelino de Almeida, no seu "Diccionario Abreviado de Chorographia, Topographia e Archeologia", de 1866, a propósito do povoado referia: "Acima da igreja está um monte e nelle vestígios de castello e de grande fortificação, a que chamão cidade". Mais à frente acrescentava: "Conhece-se ainda hoje que teve fossos e trincheiras com estradas cobertas, que servião aos Romanos de proteger as marchas dos comboios para os exércitos que vierão conquistar Braga" (ALMEIDA 1866, 335).

Vinte anos mais tarde, José Augusto Vieira escrevia, no "Minho Pittoresco", que "a configuração do terreno (...) faz pensar nos *Castros* dos romanos, e recorda involuntariamente a história antiga destes logares" (VIEIRA 1886, 121).

Sem se deter em considerações alongadas, nos inícios deste século Narcizo Alves da Cunha, autor da monografia "No Alto-Minho — Paredes de Coura", afirmava que próximo da igreja paroquial "está o monte da Cividade, onde se encontram importantes restos de fortificação antiga" (CUNHA [1909] 1979, 398). E Félix Alves Pereira concretizava, mais pormenorizadamente: "para poente, vêem-se duas ordens de muralhas derruídas mas do lado da suposta acrópole têm alguma elevação; ao centro há um grande morro. A estrada romana passava na proximidade, de nascente a poente" (PEREIRA 1924, 251).

Quatro décadas antes, Pinho Leal, ao referir-se ao povoado, mais não fazia que transcrever as palavras de Avelino de Almeida. Porém, acrescentava: "É tradição que esta cidade foi destruída pelos árabes, em 717" (LEAL 1874, 410).

Nos "Commentários a Dexter", de 382, Francisco de Vivar defendia ser a cidade de *Cauca* a pátria do imperador romano Teodósio Magno e apontava a sua localização para a região situada entre Braga e Valença. Idácio, por seu lado, partilhava da mesma opinião (CUNHA [1909] 1979).

Perante estes dados, José A. Vieira, a exemplo do que já haviam feito José A. Almeida e outros autores, interrogava: "Seria aqui a antiga cidade *Arnoia*? Seria a *Cauca* romana, dando por corrupção do termo a palavra actual de Coura?" (VIEIRA 1886, 121).

O tempo e os homens não conseguiram, até aos dias de hoje, responder a estas questões. Provavelmente nunca chegarão a fazê-lo e as dúvidas continuarão a persistir, até porque a presença romana no povoado, tão referida por todos os autores, não está de forma alguma documentada.

De um dado, no entanto, nunca se poderá duvidar: da imponência da estação. De tal forma era evidente, que José A. Almeida salientou: "Este forte está em tão alta posição que se não pode fazer idea da sua grandeza sem que se veja de perto" (ALMEIDA 1866, 335).

E ainda hoje, com efeito, a sua grandiosidade é um facto.

### **3. As campanhas de escavação arqueológica**

O estudo científico da estação teve início em 1993, com a realização da primeira campanha de escavação arqueológica, no âmbito do projecto de investigação "Estudo, musealização e divulgação do povoamento proto-histórico e romanização da bacia superior do rio Coura". Os trabalhos, efectuados sob a forma de uma sondagem, revelaram a existência de construções características da Idade do Ferro, às quais surgiu associado espólio arqueológico diversificado. Confirmadas as previsões iniciais, as investigações continuaram nos anos seguintes (até ao ano de 2001), tendo-se escavado, progressivamente, em pontos distintos do habitat, nomeadamente na plataforma superior (vários sectores), na muralha interna e numa área compreendida entre a primeira e a segunda muralhas.

Os resultados obtidos forneceram, por um lado, elementos científicos significativos para o conhecimento da ocupação do povoado durante a Idade do Ferro. Por outro, sob o ponto de vista patrimonial, têm revelado construções habitacionais perfeitamente

invulgares, no contexto da "cultura castreja", a par de estruturas defensivas de grandes dimensões.

#### **4. O povoado**

O povoado, propriamente dito, ocupa o topo e as vertentes de uma grande elevação que se distingue com facilidade em relação à paisagem circundante e abrange uma área de aproximadamente 10 hectares.

Com encostas relativamente abruptas, principalmente a Este, a servirem, já de si, como precioso auxiliar na defesa da comunidade, o povoado assenta a sua área habitacional por excelência no topo do monte, onde uma extensa chã, aplanada de forma intencional, oferece as condições ideais para a construção das habitações e estruturas auxiliares.

Ao centro, um torreão construído com terra e pedra eleva-se como notável posto de vigia, de onde se domina, visualmente, parte das bacias hidrográficas dos rios Coura, a Este e Sul, e Minho, a Norte e Oeste.

##### **4.1. Construções habitacionais e de serviços**

Os trabalhos desenvolvidos revelaram a existência de um núcleo habitacional constituído por diversas construções. Circulares, umas, de configuração alongada, outras, apresentam como característica dominante dimensões bastante elevadas, pouco enquadráveis no modelo construtivo dito castrejo.

Tecnicamente, o processo utilizado é bastante rudimentar. As paredes são compostas por pedra granítica disposta de forma irregular, raramente aparelhada e sem qualquer tipo de argamassa a consolidar - são construções em pedra seca ou vã. Uma análise mais atenta permite verificar, no entanto, a existência, neste aspecto particular, de diferenças entre as diversas construções. Enquanto as cabanas circulares apresentam um tipo de construção mais cuidado, com paramento interno e externo, as alongadas denotam uma elaboração mais arcaica, mais tosca, sem grandes preocupações estéticas. Apesar de a diferenciação funcional dos dois tipos de estruturas não se afigurar muito evidente no registo arqueológico, é provável que as circulares acumulassem funções de habitação e de

realização de trabalhos domésticos e artesanais, ao passo que as restantes terão sido utilizadas para a prática de actividades artesanais, para a guarda de instrumentos de trabalho, bens de consumo e animais.

Junto ao torreão, a Sudoeste, uma estrutura de planta ovalada terá desempenhado a função de local de reunião e de encontro comunitário. A existência de um banco de pedra ao longo da face interna da parede pelo menos a essa suposição conduz.

O sistema de cobertura seria, por sua vez, bastante simples e o seu formato variava consoante a configuração das cabanas. As de planta circular teriam uma estrutura cónica e as alongadas uma cobertura de duas águas, arredondada nas paredes de topo, ou apenas de uma água, inclinada. Em qualquer dos casos, porém, sem o auxílio de postes, cuja presença não foi documentada pelo registo arqueológico. Os materiais mais aplicados seriam os troncos de madeira, como estrutura de suporte, e a giesta, como revestimento exterior, tal como apontaram as análises antracológicas efectuadas.

No geral, as paredes das cabanas não seriam muito altas, uma vez que a cobertura, principalmente nas construções de planta circular, proporcionaria o prolongamento do espaço para além dos seus limites superiores.

#### **4.2. Sistema defensivo**

A exemplo de grande parte dos povoados pertencentes a este período cronológico-cultural, Cossourado possui um forte sistema defensivo que circunda e protege o seu habitat.

Compõem-no, na prática, duas linhas de muralha, que circundam na totalidade a sua zona habitacional, e uma terceira, apenas a Oeste, onde o declive é menos acentuado.

Estruturalmente, as muralhas apresentam um processo construtivo composto por grandes blocos de pedra toscamente aparelhados, nas faces interna e externa, e somente por terra, na parte intermédia. Com pequenas rampas e contrafortes - alguns dos quais com degraus - a servirem de acesso interno, possuem, no geral, uma largura aproximada de quatro metros.

A entrada para o habitat - única confirmada mediante escavação - situa-se a Noroeste

e coincide com o caminho actualmente utilizado para o acesso ao topo do povoado.

## 5. Espólio

Os trabalhos realizados têm fornecido espólio significativo permite apontar, com alguma certeza, a prática de diversas actividades, nomeadamente as relacionadas com a construção e manutenção do povoado e do sistema defensivo, com a exploração dos recursos naturais (recolecção, caça, pesca, extracção de pedra, desflorestação e mineração) e com o fabrico de vários objectos e utensílios de uso doméstico (olaria, fição, confecção de vestuário, trabalho da pedra) e objectos de adorno.

## 6. Valorização do povoado

Financiado pelo FEDER, no âmbito do Sub-Programa C do PRONORTE, e pela Câmara Municipal de Paredes de Coura, o projecto incidiu em três domínios fundamentais: conservação/restauro/reconstituição, sinalização/informação e divulgação do povoado.

### 6.1. Conservação/restauro/reconstituição

Os trabalhos relativos ao primeiro dos pontos enunciados iniciaram-se com a realização de um estudo do ambiente geoclimático, dos agentes erosivos e respectivas soluções de minimização de efeitos, ao qual se seguiu a desmatação de grande parte do *plateau* onde decorreram os trabalhos e a remoção dos entulhos resultantes das campanhas arqueológicas efectuadas em anos anteriores.

De imediato, e tendo em linha de conta as evidências arqueológicas resultantes dos trabalhos de escavação, procedeu-se à limpeza do espaço de intervenção do restauro, à limpeza dos muros e à limpeza do interior das estruturas, o que implicou a escavação até ao solo de base de todas as cabanas que ainda não haviam sido totalmente escavadas.

Efectuou-se, igualmente, a escavação de áreas sem construções, a desmontagem de alguns cortes estratigráficos e o nivelamento dos sectores. No interior e exterior das cabanas, o nivelamento dos sectores obedeceu a um plano possível de alinhamento das

superfícies de terreno, numa lógica de aproveitamento do escoamento natural das águas, de acordo com a inclinação que se verifica no suporte de ocupação das estruturas. Nesse sentido, escavou-se criteriosamente até se atingir um nível inferior ao nível de ocupação (afloramento granítico, regra geral) e criaram-se pendentes vectoriais de escoamento das águas de superfície de dentro das estruturas para um local de saída, resultando na obtenção de um interior mais alto que escoava para o exterior mais baixo. Noutros casos, pelo contrário, teve que se elevar o nível do solo com a deposição de terras, a fim de se obter o efeito pretendido. Desta forma, ficou, desde logo, preparado o terreno para a implantação do sistema de drenagem.

A conservação, restauro e reconstituição das unidades arquitectónicas obedeceu, por sua vez, a um esquema que compreendeu diversas acções:

- estudo das estruturas;
- análise dos paramentos e argamassas;
- escolha das argamassas a aplicar no restauro;
- conservação e restauro das estruturas de habitação e de serviços, com alinhamento, verticalização e consolidação dos muros;
- conservação e restauro da muralha interna e da entrada;
- e, por fim, reconstituição parcial de todas as estruturas que haviam sido escavadas até à data de execução do projecto, não alterando, contudo, os dados arqueológicos.

Relativamente a esta última acção, importa referir que, após se proceder à análise de várias soluções, se optou por criar uma divisória entre o muro de origem e a parte reconstruída, mediante a colocação de uma fibra geotêxtil. Este elemento de descontinuidade, apenas visível na parte interna das estruturas, não irá, assim, alterar a informação e estará de acordo com o conceito de reversibilidade. A reconstituição propriamente dita seguiu o tipo de paramento existente, tendo sido utilizada a pedra proveniente da camada de derrube. Concluída a reconstituição todos os muros foram tratados com um hidrofugante incolor e um biocida. O perfil dos muros, por seu lado, foi deixado, no final, o mais irregular possível.

Terminado o restauro, passou-se à aplicação do sistema de escoamento das águas,



que incluiu um processo de drenagem para cada estrutura, inserido num sistema geral. Este processo foi efectuado, como referido, através da criação de pendentes seguindo a inclinação natural do terreno, ao que se sobrepôs uma manta geotêxtil, uma camada de gravilha e, por fim, terra retirada aquando da escavação arqueológica.

Os trabalhos de reconstituição das estruturas ficaram concluídos com a construção integral, baseada nos dados obtidos através da escavação arqueológica, de duas construções-modelo: uma circular, que terá servido essencialmente para habitação e realização de tarefas domésticas, e uma alongada, de maiores dimensões, que terá sido utilizada, sobretudo, como local de trabalhos diversos. Tal como em relação às restantes construções, foi aplicada nestas cabanas apenas pedra recolhida no povoado ao longo dos últimos anos.

A cobertura construída em madeira assenta directamente a sua estrutura no limite superior da parede, sem o auxílio de qualquer elemento de sustentação.

As análises antracológicas efectuadas nos restos lenhosos carbonizados recolhidos nas diversas campanhas arqueológicas indicam a giesta como material utilizado no sistema de cobertura. No entanto, optou-se por aplicar o colmo, por uma questão de durabilidade, de resistência e pelo facto de ser mais impermeável à acção das chuvas abundantes que habitualmente se registam na região.

## **6.2. Sinalização/informação**

A sinalização/informação deste sítio arqueológico consistiu na colocação de dois tipos de placas: as placas indicativas de acesso rodoviário e as placas didáctico-explicativas. As primeiras foram colocadas em pontos estratégicos de acesso ao povoado, nomeadamente nas Estradas Nacionais e caminhos municipais; as segundas, bilingues e em número de quatro, foram distribuídas pela estação arqueológica, cada qual com uma função distinta: apresentação do povoado, caracterização do habitat, explicitação do sistema defensivo e apoio ao núcleo construído.

### 6.3. Divulgação

A divulgação da estação arqueológica tem vindo a acompanhar, sob diversas formas, todos os trabalhos de investigação desde 1993. No entanto, porque se entende ser uma vertente fundamental em todo o processo e de primordial importância no domínio da formação da comunidade em geral e, por consequência, da preservação do património, foi substancialmente reforçada com a realização deste projecto. Elaborou-se, nesse sentido, diverso material de divulgação, com características marcadamente pedagógicas: dois desdobráveis (um destinado ao público juvenil e outro ao público adulto), um jogo didáctico do tipo *puzzle*, uma colecção de postais e outra de diapositivos e um livro profusamente ilustrado, de leitura fácil, que pretende sintetizar os conhecimentos obtidos até ao presente. Para apoio a estes materiais de divulgação foram efectuados diversos desenhos, retratando, com base nos dados obtidos, actividades e cenas da vida quotidiana do povoado.

Paralelamente a estas acções, efectuou-se a beneficiação do caminho de acesso ao povoado, através do alargamento e pavimentação do mesmo, numa extensão de aproximadamente 500 metros.

O estudo carpológico e antracológico foi igualmente realizado, tendo sido identificadas diversas espécies vegetais. Mais tarde, caso se obtenha o financiamento necessário, proceder-se-á, como se espera, ao tratamento paisagístico do monte e respectiva reconstituição paleo-ambiental.

De igual forma tem-se vindo a efectuar o restauro do espólio arqueológico proveniente do povoado, com vista à sua exposição no Núcleo de Arqueologia do Museu Regional de Paredes de Coura.

### 7. Considerações finais

Do que aqui foi referido, ressalta, para terminar, a constatação de que a aplicação de um projecto deste género num domínio cultural até há pouco tempo praticamente afastado dos financiamentos estatais e comunitários possibilitou a realização de um conjunto de acções concretas que, de outra forma, não passariam, certamente, do campo das intenções. Fundamentalmente, permitiu chamar a atenção da comunidade local e regional para a existência de um património de características próprias, obrigatoriamente distinto do

demais, que urge a todo o custo preservar.

O interesse da população local e do turista em geral cresceu significativamente. O trabalho tem produzido efeitos muito positivos. Importa, por isso, dar continuidade a todo este processo de estudo e valorização, de modo que o povoado se converta cada vez mais num espaço de fruição o mais abrangente possível.

### Referências Bibliográficas

ALMEIDA, José A. (1866). *Diccionario Abreviado de Chorographia*. III, Valença.

CUNHA, Narcizo A. (1979). *No Alto Minho. Paredes de Coura*. 2ª Ed. Paredes de Coura (1ª Ed., Braga, 1909).

LEAL, P. (1874). *Portugal Antigo e Moderno*. II, Lisboa.

PEREIRA, Félix A. (1924). Rascunho de Velharias de Entre Lima e Minho. *O Arqueólogo Português*, 26, Lisboa.

SILVA, M. Fátima Matos. (1991). Considerações sobre a Consolidação e Restauro do Espaço Castrejo. *Revista de Ciências Históricas*, 6, Porto, 55-68.

- 1994a. *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia Superior do Rio Coura: estudo, restauro e divulgação*. Cadernos de Arqueologia e Património - Monografias, 2, Paredes de Coura.

- 1994b. Estudo, Conservação, Restauro, Dinamização e Divulgação do Povoamento Castrejo da bacia superior do rio Coura: primeiros resultados. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 34 (1-2), 281-302.

- 1994c. Carta Arqueológica do concelho de Paredes de Coura - uma perspectiva de arqueologia espacial. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 34 (1-2), 477-499.

- 1995-97a. O Povoado Fortificado de Cossourado - Relatório da primeira campanha de escavações (1993). *Cadernos de Arqueologia e Património*, 4/6, Paredes de Coura, 39-57.

1995-97b. Proposta de Classificação do Povoado Fortificado de Cossourado ou Forte da Cidade, *Cadernos de Arqueologia e Património*, 4/6, P. Coura, 1995-97, 167-177.

SILVA, M. Fátima Matos e SILVA, Carlos Gouveia. (1995-97). Projecto de Musealização e Divulgação do Povoado Fortificado de Cossourado - Paredes de Coura, *Cadernos de Arqueologia e Património*, 4/6, P. Coura, 1995-97, 179-188.

(1998). *O Povoado Fortificado de Cossourado - Retratos de um habitat da Idade do Ferro*. Paredes de Coura.

VIEIRA, J. A. (1987). *O Minho Pitoresco*. Valença, reedição.

